

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entreg	38.º Anno—XXXVIII Volume —N.º 1301	Redacção.—Administração — Atelier de gravura <i>Liboa, L. do Pico Novo, entrada pela T. do Convento Jesus.º 4</i>
Portugal (franco de portes m forte)	3\$800	1\$900	900	5	20 de Fevereiro de 1915	Composto e impresso na Typ. de Cesar Piloto <i>Largo de S. Roque 2 1.º 112</i>
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	1\$000	5		
Estrangeiro e India	5\$000	2\$500	1\$250	5		

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.



General Antonio Julio da Costa Pereira de Eça

ALTO COMISSARIO DO GOVERNO, EM ANGOLA, QUE VAE ASSUMIR O COMANDO SUPERIOR DAS FORÇAS EXPEDICIONARIAS AO SUL DAQUELA PROVINCIA

O illustre general nomeado comissario do governo português na provincia de Angola, fez parte da expedição á provincia de Moçambique, como comandante de artilharia de guarnição, possuindo além de outras distincções, a medalha das operações militares de Gaza, 1897. Foi ministro da guerra no ultimo ministerio formado pelo sr. dr. Bernardino Machado. E' militar brioso, cõscio da sua missão, e ao qual não faltará competencia para o alto cargo que vae desempenhar.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
DIPLOMATICOS

CRONICA OCCIDENTAL

Firmamos o proposito de não imiscuir a orientação desta Revista nos meandros das politicas varias da nossa terra.

Dispõmo-nos ainda e sempre a manter firmemente essa resolução — assim refractarios ao mal endemico violento que corroe té á medula este misero paiz. Ante o facto politico — estilizamos uma attitude simples de observador. A distancia, somente sabemos vêr nêle o aspecto da vida social, que representa, e o difuso panorama de almas, que põe em foco.

Perdõe-nos Deus — mas nestes momentos de tristeza não podemos deixar de relancear um olhar magoadissimo sobre a politica dominante e considerar após muito pequenino este paiz — geograficamente, intellectualmente, moralmente.

A nossa historia gloriosa, resplandecida, de onde a onde, de feitos que marcaram épocas novas no mundo, vincada, de vez em quando, de gestos que ainda assombram em recolhimento os povos — quase se transfigura aos nossos olhos, mentida, sofismada, insignificante.

O vento frio de vesania que começou de assoprar, ha muitos anos, neste recanto da península já enregelava em Herculano o entusiasmo austero que o acurvava na investigação dos cronicões antigos. E o pobre grande-homem, fitando o seu olhar nostalgico e serio, em volta, na sociedade que liquidava, a intrigar-se e a embevecer-se, num pantano de abjeções, franziu os labios doloridamente:

— Isto dá vontade de morrer!

A agonia que reflectia tons lividos na alma de Herculano — alastrava-se, em

maré crescente, na alma duma nacionalidade...

E hoje — ai de nós — o mal fermentou mais ácido e raiva á doida Portugal em fora. E os politicos — vermes nascidos da propria gangrena encarregam se de realizar uma obra de putrefacção irremediavel. No decurso de quatro seculos, esta infeliz nacionalidade tem sido, sucessivamente e implacavelmente, vitima de pragas varias — aventureiros da India, jesuitas, espanhoes, francezes — mas por certo nenhuma exerceu uma acção tão exaustiva e tão nefasta como a praga assoladora dos politicos.

Deus se amerceie de nós!

A publicação recente dos — *Documentos Politicos* — veio evidenciar mais e melhor, sem cura nem remissão, o mal.

Lemos tambem curiosamente esse livro precioso (setenta centavos em brochura), anunciado, com vozes e gestos de misterio, ás turvas ofegadas em halos de ancias. Consta de documentos meramente politicos encontrados nos palacios reais depois da revolução republicana de 5 de Outubro de 1910.

Em bõa verdade, finalisámos a sua leitura por não compreender o misterio e agoiro que envolveram mêses um reclamo em demasia insistente — e bem que mal o motivo que moveu em desvaio e panico os monarquistas, quando uma edição foi ordenada neste sentido pela Assembleia Nacional Constituinte em sessão de 18 de junho de 1911.

Este volume, espesso e massiço, alto e largo, de cento e cinquenta paginas, não conseguiu dar-nos uma simplice novidade. Assim como assim, fornece, vastas e sólidas, bases sobre que assenta uma opinião já muito generalisada.

Se acaso tentaram ainda nest'hora fazer politica, em vez de realizar uma pa-

gina interessantissima de historia contemporanea — os republicanos não visaram certamente o golpe. Entretanto, obtiveram arrancar com exito o travesti do Carnaval politico que foi o ultimo reinado. E os homens-de-estado monarchicos desfilaram deante de nós — em pêlo, encardidos, ribaldos e leprosos.

Assim, com efeito, sentiam se amplos de razão para se revoltarem nas vesperas contra a publicação annunciada dos documentos.

A unica individualidade que ali se revela, imacula, inocente, simpatica — é D. Manoel II. Naquelle quadro rembrandtesco, manchado a negro, somente a figura do rei é tocada, de leve, por uma luz suavissima que lhe dá relevo e simpatia. A ruga fina de meditação que lhe imprime dolorosamente na fronte o acontecimento politico, torna insinuativa a sua fisionomia de jôvem.

Sem duvida, uma figura decorativa não impõe um regimen, mórmente se a *entourage* palatina não na reveste de autoridade e prestigio.

A revolução republicana é, na verdade, justificavel.

Agora, cumpre demonstrar que o novo regimen legitimou a sua sucessão.

A carta dirigida pelo Chefe-do-Estado ao actual presidente-de-governo, não tende a incutir-nos esperanças.

Esfervilha ainda a intriga. E' ainda uma politica rasteirinha e reles que vae esfofinhando terra em fora neste malaventurado Portugal.

Se dessem á estampa a correspondencia politica, esparsa nos palacios presidenciaes, relativa a estes ultimos quatro anos de consulado — talvez a publicação tocas-se rés-vés ainda um exito maior de escandalo...

ANTONIO COBEIRA

CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

Narrativas dum Exilado

Memorias duma testemunha presencial dos primeiros acontecimentos da Grande-Guerra na Belgica

Recentemente chegado a Portugal teve a gentileza de vir cumprimentar-nos á nossa casa de Redacção, o sr. D. Thomaz da Camara, filho bem amado do nosso saudoso amigo antigo chronista do «Occidente» delicadissimo Poeta e egregio dramaturgo que foi D. João da Camara.

Expulso da sua patria por uma ordem da republica, o sr. D. Thomaz da Camara refugiu-se na acolhedora Belgica onde, matriculado na Universidade Catholica de Louvain cursou com distincção a Faculdade de Sciencias — Engenharia de minas (artes, manufacturas e minas). Ali vivia ainda quando a Conflagração Europeia foi pronunciada e a Alemanha impôs o seu ultimatum á heroica Belgica. Sua Ex.^a é pois uma testemunha presencial da guerra. Instado com muita insistencia, o sr. D. Thomaz da Camara accedeu, apesar da sua natural modestia, a enviar para esta Revista algumas notas das impressões que o seu claro espirito sobera rec-lher. Estas notas não eram — cumpre-nos dizel-o — destinadas á publicidade: mas na sua bela simplicidade, sentimos nelas um sabôr tão fino de encanto, revela-se tanto nelas, o filho enternecido de João da Camara — que não podemos deixar de publical-as na integra. Publicamos hoje a primeira parte das suas interessantissimas Narrativas.

Desde a declaração de guerra até 10 de Agosto

I

Bruxelas celebra todos os annos com deslumbrantes festas o anniversario da heroica revolução da Independencia em 1830.

Os tres dias destinados ás festas, de 19 a 21 de Julho, são de verdadeira alegria, em que o sol tem mais brilho e o ar é mais puro. Respira-se uma atmosphera de felieidade e beme star.

Os elegantes Boulevards e Avenidas da linda capital da Belgica transformam-se, como por encanto, em pequeninos paraizos, cheios de musica e bandeiras, de flores e caras bonitas.

Nada então fazia prevêr que em tão

pouco tempo a paz da Europa deixaria de existir, para dar lugar á mais pavorosa guerra de todos os tempos.

Estava ainda mal apagada a impressão do barbaro attentado de Sarajewo, quando, com surpresa geral, a 22 de Julho, a Austria envia um Ultimatum á Servia, redigido em termos brutaes e sem precedente, pretendendo tornar o governo de Belgrado responsavel pelo assassinato do Arquiduque Francisco Fernando e de sua mulher.

A Servia, a Triple Entente e a propria Italia tentaram garantir a paz da Europa. Mas o bloco germanico a nada

attende, e a 28 de Julho a Austria declarou guerra á Servia.

As ambições desmedidas da Alemanha, o orgulho da Austria, a loucura dos armamentos, e as dezenas de partidos e intrigas em que se entretinham os actuaes beligerantes, n'uma ancia não de nações civilisadas velando os seus interesses, mas de ridiculas senhoras visinhas amesquinhando-se mutuamente, foram as verdadeiras causas d'esta guerra.

A bomba estava feita. O crime de Serajewo foi o rastilho.

Declarada a primeira guerra os acontecimentos precipitam-se. A Europa in-

teira mobilisa. A 2. d'Agosto, a Alemanha declara guerra á Russia e invade o Luxemburgo. No dia seguinte a Alemanha declara guerra á França e manda um Ultimatum á Belgica. No dia 4 entra em acção a Inglaterra, declarando guerra á Alemanha e Austria Hungria. O Montenegro allia-se á Servia e declara a guerra á Austria. Finalmente no dia 6 d'Agosto a Austria declara guerra á Russia, e dias depois a França declara guerra á Austria.

Conseguiu o seculo vinte bater o record das declarações de guerra. Tem sido esta guerra, aliás como todas, cheia de surpresas e de imprevistos.

Os primeiros foram bem desagradáveis á Alemanha, principal causadora d'esta catastrophe.

A neutralidade, da Italia, a cooperação da Inglaterra, e sobretudo a heroica resistencia da Belgica. A Alemanha nunca pensou que a Belgica fosse capaz de resistir ás ameaças do monstro germanico. O Estado maior do Kaiser desprezava o exercito do Rei Alberto, e esquecia todo o glorioso passado das comunas flamengas, o patriotismo intransigente dos belgas, o seu amor pela liberdade e o sentimento d'onhra, de que são animados. A Alemanha não previu a heroica resistencia do exercito belga, nem a importancia d'esse acto de heroismo, que garantiu á França a mobilisação do seu exercito, e salvou Paris.

Fallei dos belgas, e d'elles me não quero separar mais. Abandonando o assumpto geral em que entrei, e que de todos é já mais ou menos conhecido, vou resumidamente contar o que comigo se passou, primeiro em Bruxellas, depois respectivamente em Paris, Louvain, novamente Bruxellas, Ostende, Londres, e por fim as impressões da minha viagem para Portugal.

* * *

Voltemos ao dia 31 de Julho, no meio de tantos e tão graves acontecimentos o povo belga mostrava-se confiado e optimista. Entretanto o governo dava as ordens que a situação requeria. Todas as classes sociaes apoiavam o governo Catholico, que ha 30 annos com tanta felicidade governa a Belgica, e todos eram unanimes em elogiarem o Barão de Broqueville, Presidente do ministério e ministro da guerra. A mobilisação do exercito belga demonstra-nos a esplendida organização d'aquelle complicado organismo, e o patriotismo ao mesmo tempo exaltado e calmo d'aquelle povo.

O ministro da guerra expediu apenas nove telegrammas com ordem de mobilisação e em 24 horas todos os reservistas belgas estavam a postos. O systema de requisições foi superiormente dirigido, e em toda a Belgica não houve uma só reclamação. Todos se sacrificaram.

Enquanto o riquissimo millionario cedia ao Governo os seus automoveis e cavallos, e punha á disposição dos reservistas as salas dos seus palacios, o pequeno proprietario dava voluntariamente o seu cavallo e a sua bicyclete, o operario dava de comer a um reservista, e aquelle que nada tinha para dar, offerecia os seus braços para pegarem n'uma arma.

Todos mostravam a sua boa vontade, e em toda a Belgica não houve um só queixume.

Por toda a parte o mesmo espirito de patriotismo e caridade..

Os hospitaes multiplicavam-se.

Em todos os bairros se abriam institutos de auxilio ás familias dos soldados, sobretudo ás creanças.

Bruxellas transformou-se n'um grande hospital, e em todas as ruas e praças se via a Cruz vermelha.

Os medicos eram incansaveis.

As senhoras, verdadeiros anjos de caridade, não descansavam um só momento.

Ellas tratavam os doentes, sorriam-lhes, vigiavam as creanças, punham em pratica todos os thesouros inexauriveis de bondade e generosidade de que estão cheios os corações das mulheres.

Não raro era vel-as pela rua adeante ou batendo de porta em porta pedindo esmola para os doentes ou para as creanças. E em toda a parte eram bem recebidas, porque todos as comprehendiam.

As vezes via-se a senhora da côrte, descendente da velha aristocracia flamenga ou walone, dando a mão, na mesma obra de caridade, amor e patriotismo, á mulher simples do povo.

Que ternura fazia vêr os pequenos boy-scouts, cheios de juvenil ardôr, incansaveis, com o desejo de prestarem todos os serviços ao seu alcance.

Uma noite, na Place Charles Rogi r, em frente da gare du Nord, estava um pequeno boy-scout contendo uma fila de curiosos. Tinha 9 annos. Muito possuido do seu papel de policia, prohibia a passagem de uma determinada rua. Todos lhe obedeciam, até os proprios soldados, que respeitosos e sorridentes lhe faziam a continencia militar.

E que aquelle pequenino era a imagem da querida Belgica: pequeno e fraco, mas digno de respeito:

Os partidos politicos fizeram as pazes. Catholicos, liberaes e socialistas deram-se as mãos. E n'esse dia, talvez unico na historia do mundo, a Belgica, transbordando de ardente patriotismo, governada por uma só cabeça, e batendo todos os corações em unisono, affirmou bem alto a utilidade da sua divisa:

L'union fait la force.

* * *

No dia 1 d'Agosto, a guerra Europea considerava-se inevitavel. A burguezia belga geralmente calma, perdeu o sangue frio e correu aos Bancos para levantar dinheiro, e trocar as notas. Assaltaram as padarias e tendas e encheram-se de provisões.

D'algumas familias sei eu que fizeram provisões para mais de seis mezes. Escusado será dizer se que apêzar do panico não houve a mais pequenina alteração da ordem publica. Na ancia de trocarem as notas viram se casos deveras engraçados, como o do padre que queria pagar o bilhete do carro electrico com uma nota de mil francos. Outros foram de manhã cedo beber a tradicional cerveja que pagavam com 100 ou 500 francos.

Eu mesmo vi-me em serios embarços para obter trocos.

No dia 3 estive á porta do Banco Nacional 12 horas a fio, de pé, sem comer,

apertado n'uma fila de dois kilometros, entre gente bem humorada e sempre alegre. Contaram-se historias, cantou-se, avançava-se um centimetro por hora ou pouco mais e isso no meio d'um grande pagode, até que por fim fecharam o Banco e eu lá me fui embora sem dinheiro trocado. No dia seguinte como por encanto, a prata appareceu em abundancia, e a situação normalisou-se.

Declarada a guerra entre a França e a Alemanha todos se preocupavam com o futuro da Belgica. Os optimistas affirmavam que a neutralidade seria respeitada. Pelo contrario, os pessimistas receavam que o milagre de 1870 se não repetisse.

Infelizmente o milagre de 70 não se repetiu.

No dia 3, a Alemanha enviou um Ultimatum á neutral Belgica e no qual todo o mundo leu apenas uma phrase: o direito da Força.

A resposta da Belgica formulou a a opinião publica. De todos os lados se gritava: «não passam». «Só passarão sobre as ruinas da Belgica».

E' convocado o parlamento para o dia 4. Todos os deputados e senadores occupam os seus logares. O bravo e sympathico Rei Alberto lê o Ultimatum allemão que causa a maior e a mais justa das indignações, lendo em seguida a resposta que toda a Belgica e todo o mundo civilisado applaudiram entusiasmamente:

O momento é solemne. O povo agrupado em volta do palacio do parlamento espera a passagem do cortejo e acclama a Familia Real e o Governo.

O cortejo segue, magestoso e simples, desde o palacio do parlamento até ao palacio real, aonde o povo, sempre entusiasmado, obriga o Rei Alberto, a virtuosa Rainha e os tres Princepes a comparecerem na varanda do palacio umas poucas de vezes.

Acabada a manifestação aqui, o povo divide-se em varios grupos e vae pelas ruas de Bruxelas, engalanadas de bandeiras e flores como nos dias de festa, espalhar a alegria em manifestações politicas e de saudação ao exercito. As manifestações prolongaram-se pela noite adeante, com cortejos, marchas «aux flambeaux», etc. a que o Governo poz termo desejoso de normalisar tudo o mais possivel.

Foi sempre admiravel a coragem e sangue frio do povo belga.

Salvo rarissimas excepções sem importancia, as operações militares nunca foram prejudicadas pelo elemento civil que sempre auxiliou o exercito *em tudo quanto não fosse contra as leis da guerra.*

Uma das excepções a que me referi foi o caso da agua envenenada em Bruxellas, caso engraçado e de que eu fui uma das victimas.

No dia 4 d'Agosto por volta das 11 e meia da noite espalhou-se n'alguns bairros de Bruxellas que a agua da cidade estava envenenada. Ou fosse maldade d'algum allemão boateiro, ou panico da cruz vermelha, o que é facto é que á hora acima referida appareceram na «Avenue de Tervueren» e «Boulevard Saint Michel» varias pessoas annunciando em altos gritos e em nome da Cruz Vermelha de que a agua estava envenenada e de que era preciso pô-la de parte.

Horrorisado com esse perigo para as

peçoas desprevenidas offereci-me para ir avisar por essas ruas fóra a triste nova.

Ao fim de hora e meia, cançado, suando em bica, mas disposto ainda a ir até ao fim do mundo, fui preso por boateiro.

Lá fui, por aquellas ruas e Boulevards fóra, acompanhado por um soldado de baioneta calada, entre apupos do povinho que me julgavam allemão até a *maison communale a' Etterbeek* aonde o amavel Bourgmestre me poz em liberdade depois de constatar quem eu éra.

Entretanto a guerra caminhava. Chegavam noticias de Liège, e todos passavam, até os proprios officiaes belgas, d'aquella resistencia heroica d'um exercito pequeno e inexperiente contra o formidavel exercito allemão. O general Lemman commandante de Liège resiste com a maior das energias a um exercito dez vezes superior, a tal ponto de causar a admiração dos proprios inimigos.

Os episodios succedem-se.

Um esquadrão de lanceiros na força de 600 homens, atira-se loucamente contra seis esquadrões de uhlanos: os 600 belgas morreram todos.

E assim se contam dezenas de heroismos mais ou menos admiraveis, mas em que se affirma sempre a superioridade do soldado belga sobre o allemão.

A vida em Bruxellas continuava quasi normal. Menos movimento e mais intimidade. Todos se conheciam e todos trocavam impressões, na rua, nos cafés e nos electricos. Os theatros e animatographos fechados.

Fez-me impressão o aspecto de Bruxellas no primeiro domingo depois da declaração na guerra.

Foi no dia 9 d'Agosto. Tarde linda e melancolica de verão. Os Boulevards cheios de gente.

Crianças brincando com a despreocupação propria da idade. Raparigas novas, de ares pensativos, e velhos graves e dignos, queixando-se apenas de não serem mais novos para estarem nas trincheiras.

Respira-se uma atmospheria de suave tristeza e de melancolica alegria de quem tem a sua consciencia tranquillizada.

Paes, maridos, irmãos, filhos e noivos, todos estão arriscados á morte implacavel, todos sugeitos aos perigos d'esta guerra brutal e selvagem. Mas na pequenina e feliz Belgica, os velhos, as mulheres e até as proprias criancas são sublimes de heroicidade e abnegação.

A base principal, a unica mesmo, de tantas e tão boas qualidades, é a fé em Deus. Os belgas são profundamente religiosos. Não se preocupando com redevitos humanos praticam a religião como sendo o primeiro de todos os deveres.

Declarada a guerra, foi Deus o unico confidente de todos os pezares e queixumes d'aquelle povo. Conheci bem o hospital admiravelmente installado no magnifico Collegio Saint Michel. Muitas vezes assisti ao spectaculo, grandioso na sua significação e na sua simplicidade, de centenas de feridos, cheios de fé e de religioso respeito, assistirem á missa e receberem a Communhão.

Uma manhã, sahindo eu da Igreja do Collegio Saint Michel encontrei dois heroicos soldados horrivelmente feridos.

—Aonde vaes? pergunta um d'elles ao outro.

—Confessar-me, respondeu o segun-

do, acrescentando pouco depois com um sorriso:

«Il faut aller propre»...

Este crente ostentava a commenda da Ordem de Leopoldo, ganha no Campo de Batalha.

Os jornaes, sujeitos á censura, tranquillizavam o espirito publico, affirmando, primeiro, de que os allemães nunca passariam o *Meuse*, e depois de que apenas o sul da Belgica seria por elles invadido e unicamente para a atravessarem e dirigirem-se para França.

Davam a entender os jornaes, sem comtudo o affirmarem, de que varias divisões francezas e inglezas estavam já em Liège e Namur, o que mais tarde se verificou sêr, infelizmente, falso.

A triste realidade é que a Belgica, que se sacrificou inteiramente pelos seus alliados, foi por estes completamente abandonada durante os primeiros 20 dias da guerra, cabendo, portanto, uma grave responsabilidade a França e a Inglaterra da destruição estúpida e selvagem d'aquella tão lindo paiz. Os francezes apenas se juntaram aos belgas no dia 22 d'Agosto, em Charbroi, e os inglezes dias mais tarde em Mons.

Embora os jornaes, com todos os seus communicados officiaes, tranquillizassem a massa popular de Bruxellas, o *bruxellois* instruido e pratico lia a verdade nas entrelinhas.

Com effeito, no dia 9 d'agosto, o grosso do exercito allemão consegue atravessar o *Meuse* em varios pontos e invade a provincia belga do Limbourg e dois dias mais tarde a do Brabant.

O exercito vê-se obrigado a ceder terreno, mas cede o heroicamente palmo a palmo, e casa a casa.

Entretanto, a população de Bruxellas confiada nos seus jornaes, entretinha-se a caçar espiões allemães em toda a parte.

E' facto que muitos e muitos authenticos espiões foram presos em flagrante, ora tentando communicar com a Alemanha, atravessando as linhas, ora enviando radiogrammas com aparelhos installados em suas proprias casas, muitas vezes de maneira bem original, como o commerciante allemão Tietz, que tinha as antenas do aparelho distarçados em paus de bandeira, nos quaes arvorava a bandeira belga.

Dezenas de espiões allemães foram fustillados em Bruxellas. Alguns innocentes? Não sei. Mas muita gente soffreu da mania do povo, que em toda a parte via espiões, denunciando constantemente, e obrigando muita gente pacata a soffrer enxovalhos na rua, ou na propria casa.

Os estrangeiros, então, estavam especialmente ameaçados, e muitos belgas tiveram que aturar a partida ou vingança de qualquer visinho mal intencionado.

Esta febre durou pouco, porque a auctoridade pôz-lhe cobro, decretando leis e penas severas.

Eu mesmo passei varios maus boccos, e verdadeiramente tranquillizado só vi um preto do Congo e dois japonezes, que certamente ninguem os tomou por espiões allemães.

Apesar das noticias mais ou menos tranquillizadoras dos jornaes de Bruxellas, o povo sobresaltava-se com factos que se iam dando todos os dias, e percebia que a situação era cada vez mais grave.

O governo fez transportar todo o di-

nheiro em oiro, archivos e obras d'arte de Bruxellas e outras cidades para Anvers.

As communicações eram cada vez mais curtas. Primeiro deixou-se de communicar com a provincia de Liège, e depois com as de Namur e Limbourg. Os jornaes davam razões estrategicas, mas as centenas de refugiados que todos os dias chegavam das provincias invadidas, punham em sobresalto a população de Bruxellas. As noticias dos primeiros assassinatos e incendios corriam de bocca em bocca. Visé estava destruida; foi a primeira cidade belga que soffreu a lugubre sentença. A noticia correu toda a Belgica, e todos os corações estremearam de horrôr e de indignação: Seria possivel tamanha selvageria em pleno seculo vinte?

As victimas innocentes da guerra contavam-se já ás centenas, e isto apenas ao fim de duas semanas de lucta!

Previa-se já a invasão de toda a Belgica. Era rara a communa belga que ainda não tivesse recebido a visita d'uma patrulha de Uhlanos, que em serviço de exploração se aventuravam em territorio inimigo dezenas de leguas, com um heroismo digno de registo.

A vida em Bruxellas transformava-se em vista dos acontecimentos, quando um telegramma particular me chama a Paris, para ahi ir acompanhar uma de minhas irmãs que estava em Bruxellas. Partimos de Bruxellas no dia 15 d'agosto ás 11 1/2 da manhã no unico comboio diario, então existente, e que por via Lille, em 11 horas nos poz em Paris. A viagem, foi tranquillizada, e embora longa, passou-se agradavelmente, porque os companheiros eram alegres e amaveis. Encontramos no caminho as primeiras tropas inglezas que cheias de enthusiasmo se dirigiam para o fronto.

A chegada a Paris foi cheia de formalidades. Os passaportes eram vistos e revistos.

A vida em Paris quasi normal. Notava-se menos movimento e ausencia quasi absoluta de homens validos. No *Métropolitain* as mulheres substituem os homens, nos electricos o serviço é feito ou por velhos ou rapazes muito novos. Os automoveis são raros; em compensação apparece uma praga de fiacres velhos, todos guiados por cocheiros ainda mais velhos. O movimento nas ruas, de dia, é bastante grande, mas á noite é quasi nullo.

Grande parte das lojas estão fechadas. A policia multiplicou-se e a vigilancia é rigorosissima. Em dois dias apenas que estive em Paris tive que visar o meu *permis de séjour* duas vezes no commissariado da policia.

Notei uma grande confiança pelo resultado final da guerra. Tive occasião de observar muitas das grandes e bellas qualidades da grande raça franceza, sobretudo o entranhado amor pela Patria, mas foi com grande desgosto que notei a quasi indiferença dos francezes pelo heroico sacrificio dos belgas. E' que as nações grandes sentem-se com o direito de, em seu proveito, sacrificarem as pequenas. N'ellas, a gratidão deixou de existir para dar logar ao egoismo.

No dia 18 d'agosto, de manhã, volto para Bruxellas. A viagem correu sem incidente.

Encontrei Bruxellas muito alarmada

com as notícias, infelizmente verdadeiras, trazidas pelos milhares de fugitivos das provincias devastadas. Por todos os cantos se dizia que os allemães marchavam sobre Bruxellas. Contavam-se factos de horrorosas ferocidades.

Comtudo em Bruxellas não se perdeu o sangue frio.

Jantei, atravessei a cidade, fui á gare de Nord e tomei o rapido das 11,24 da noite que em meia hora me poz em Louvain. O aspecto da cidade era quasi de festa, mas de festa pacata. Aquella hora tudo costumava estar fechado, e naquelle dia estava quasi tudo aberto, sobretudo «Estaminets». A atmospheria era de tranquillidade. Apenas na Place de la Station e na Grand'Place se viam bastantes soldados e officiais. O Estado-maior belga e o governo tinham-se retirado n'essa tarde para Anvers, e em Louvain apenas ficára uma pequena guarnição. Dei uma volta pela cidade e entrei num Estaminet aonde encontrei um rapaz belga, meu companheiro de estudo e meu amigo.

Por elle soube que n'esse mesmo dia tinha havido um grande combate em Vissenaekem, não longe de Louvain, e que milhares de fugitivos de Tirlemont e de Jadoigue tinham dito que a situação era muito critica.

A nossa conversa foi interrompida pela passagem d'um regimento de caçadores a pé e de varias companhias da *garde civique*, cujos soldados affirmavam estarem os allemães em Verrijck, Lovenjoul e Corbeeck-Loo, isto é, já nos arredores de Louvain. Apesar da gravidade da situação, era tão extraordinaria a coragem e sangue frio dos soldados belgas e da população civil de Louvain, que eu, confiado n'elles, fui-me deitar e dormi tranquillamente.

No dia seguinte, 4.^a feira, 19 d'agosto, eram 7 horas da manhã quando senti uns passos apressados subirem a escada e alguém bater nervosamente á porta do meu quarto. Era a minha patroa que me ia avisar de que os allemães estavam ás portas de Louvain.

Vesti-me depressa e fui á varanda do meu quarto observar a rua. O seu aspecto era perfeitamente normal e tranquillizador. A manhã estava linda, a atmospheria purissima, o sol brilhante e claro, as creanças brincando na rua com as cabelleiras loiras brilhando ao sol, e os passarinhos cantando no parque Saint Donat.

Chamei a patroa e pedi-lhe que me trouxesse o almoço e que me contasse o que havia. Disse-me apenas que uma vizinha lhe tinha dito que os allemães entrariam naquelle dia em Louvain. Tomei tudo por phantasia, e confiado na apparente tranquillidade d'aquella manhã, almocei socegradamente, lendo um numero atrazadissimo do «Diario de Noticias».

Depois do almoço, e como que presentindo qualquer coisa, revistei o meu quarto de cama e o de estudo, vi bem tudo, li algumas cartas antigas, despedi-me dos meus livros, velhos amigos e leaes companheiros de tantas horas. Um olhar de ternura para cada retrato, sobretudo para o quadro de meu Pae, em tamanho natural, que me sorria, como sempre bondosamente, e que lá ficou, sepultado nas ruínas da querida Louvain que elle tanto amára e aonde passára os

mais felizes anos da sua mocidade. Comtemplava-o quando a minha patroa me veio dizer de que a maior parte da população de Louvain junctamente com os das cidades visinhas, fugia apavorada para Bruxellas. Então distingui nitidamente mas muito ao longe o barulho da fusilaria, cortado de tempos a tempos pelo do canhão. Um ultimo adeus ao meu querido quartier, um beijo ao *petit Jean*, linda creança d'um ano, filho da patroa, que me sorriu innocentemente com os seus 4 dentinhos muito brancos e os seus olhos muito grandes, dum azul flamengo muito puro, e á pressa sahi d'aquella casa para me reunir aos nossos compatriotas. Sahi da *rue des Flamands*, corri pela *rue de Parc*, cortei á *rue de la Brabançonne*, fui á *rue Rega*, voltei pela *rue Frederic Lints*, atravessei o *Parc Saint Donat*, corri as *rues de Bériot, de Namur, des Moutous, Mout Béliet, Place Saint Antoine, rue de Paris, Vieux Marché, Grand'Place, rue de la Station*, etc, não consegui encontrar-me com um unico dos 10 Portuguezes que então lá estavam.

O panico apoderara se por completo da população de Louvain. Era um verdadeiro exodo. Segui então a massa popular pelas *rues de la Station e de Bruxelles*. A fusilaria augmentava, e de todos os lados só se ouviam choros e gritos, de milhares de desgraçados que fugiam, uns com trouxas, outros empurrando pequenas *charrettes* com os objectos mais indispensaveis alli amontoados á pressa.

Seria meio dia quando uma granada rebentou no meio d'esta cidade indefeza causando algumas victimas innocentes, e a fusilaria augmentou consideravelmente sobretudo para os lados da Estação e da *porte de Tirlemont e chaussée de Louvain*.

Toda a multidão de desgraçados apressa o passo, e eu, conscio da gravidade da situação, decido acompanhar os refugiados até Bruxellas, e ahí reunir-me a alguns parentes meus.

O que foi esta viagem é impossivel de descrever. Creanças perdidas, velhos cahindo de cansaço, mulheres mal podendo arrastarem-se, uns chorando, outros silenciosos, todos tristes, mas todos dignos cheios de patriotismo, promptos a todos os sacrificios pela querida Belgica. Tanta fortuna desfeita, tanto trabalho inutilisado, tanto sonho perdido, mas salvou-se a honra da Patria.

A 5 kilometros de Louvain, volto-me para a minha querida cidade Universitaria, para lhe dizer o meu ultimo adeus.

Lá estava ella, de pé, soberba e linda, com as torres das suas Egrejas direitas ao Ceu, affirmando a sua fé, com o velho edificio da Universidade, affirmando a sua sciencia, com o seu magnifico Hotel de Ville, affirmando o seu passado de glorias, com as suas fabricas, affirmando o seu trabalho.

Mais uns passos, um ultimo olhar, e uma collina escondeu-me aquella querida cidade, aonde eu fui feliz no meio d'aquelle povo bom e acolhedor, que n'uma hora amarga da minha vida me abriu os braços e me recebeu, a mim, triste exilado escorraçado da minha Patria por odios que lá não existem.

Os 30 kilometros que separam Louvain de Bruxellas foram percorridos em 5 horas. Chegado a Bruxellas, apenas

tive tempo de me dirigir á gare du Nord e ahí, juntamente com minha familia assaltar um dos muitos comboios organizados para Ostende, aonde chegámos como a sardinha em tigella, ao fim de duas horas duma tragica viagem.

A's 9 horas da noite, já intallados no Hotel Royal da Phase, fomos jantar, pacificamente e como que acordados d'um pesadello. E as vagas do Mar do Norte vinham bater docemente na muralha da Digue de Mer, sobre a qual deitava a nossa casa de jantar, como chorando a desgraçada humanidade, que por sua culpa se lançara na mais pavorosa e sangrenta lucta de que resa a historia.

THOMAZ DA CAMARA



PELO MUNDO FÓRA

Tem causado profunda emoção em toda a parte a declaração do governo de Berlim relativo ao bloqueio da Inglaterra.

O governo dos Estados Unidos protestou contra essa violação da convenção de Haya. Igual declaração fizeram os governos da Dinamarca, da Suecia e da Noruega.

O almirante *von Tirpitz*, ministro da guerra da Allemanha, declarou: — *a Inglaterra quer matar-nos á fome, mas nós podemos pagar-lhe na mesma moeda, engarrafando e torpedeando todos os navios proximo dos portos britannicos, cortando-lhe assim as provisões.*

Não sabemos se isto é mais uma farronada do que uma verdadeira ameaça, cuja effectivação está prestes a iniciar-se. O que é facto é que a declaração teutonica abalou o espirito calmo e pratico da Inglaterra, que decerto muito tem a recear da temeridade dos submarinos allemães, cuja audacia não tem limites, escarnecendo de todas as convenções e tratados e olhando sómente aos interesses da guerra.

São ainda bem recentes as proezas do torpedeiro *U-21*, e de outro submarino, que nos mares da Mancha e da Irlanda afundaram os navios mercantes: — *Linda Blanche, Icaria, Takomaru, Ben Cruachan e Kilovan.*

A respeito da esquadra allemã citam-se as palavras proferidas pelo ministro da marinha da Inglaterra, ao mesmo tempo que indicava num mappa a parte de mar e de costa entre a Dinamarca e a Hollanda, onde os allemães continuam emboscados, ao abrigo de *Syll, Heligoland e Emden.*

Disse elle: — «Eis um ponto que a natureza e a sciencia parecem ter-se comprazido em fortificar contra todos os ataques. Nelle a inactividade e as emboscadas dos allemães apoiam-se na propria situação com uma potencia neutral á direita e outra neutral á esquerda, porque para nós, a neutralidade é inviolavel. Emquanto os allemães continuarem ao abrigo, das suas defesas, terão sobre nós faceis vantagens.

E' ahí que actuam incessantemente os seus submarinos. Nós possuímos mais d'esses barcos do que elles; mas como lança-los contra os seus?

Os submarinos não combatem entre si. Um só dos seus que saia e encontre na sua frente alvo contra o qual atirar — os nossos barcos — consegue mais que dez

submarinos inglêses vendo deante d'elles algum barco allemão. E' facil perder — por causa d'um submarino ou de uma mina inimiga, que custa um punhado de libras — um couraçado que custou milhões, não contando o numero de vidas que se expõem. E' preciso, pois, fazer as cousas com prudencia, sobre tudo quando nos não occultamos nos portos, mas pelo contrario, nos expomos navegando pelo alto mar».

Ainda sobre o bloqueio ouçamos o que diz a imprensa de Berlim: — «O aviso que o nosso almirantado dá aos neutros, mostra que vamos fazer uma guerra de submarinos. Se devessemos seguir o mesmo processo que não ha muito seguimos no mar da Irlanda, impossivel seria confundir os navios neutros com os dos nossos inimigos; tudo faz crêr que vamos torpedear os navios sem previo aviso.

Acolhamos com satisfação o annuncio de que os nossos submarinos vão fazer a guerra mais implacavel á marinha dos nossos inimigos.»

Outro jornal diz — «Que nos importam as gritarias dos neutros e a indignação dos nossos inimigos? Nós, os allemães, temos a tirar d'esta guerra uma grande lição: a de não manifestar delicadeza alguma e não escutar o que posssm dizer os neutros.

Não falta em Inglaterra quem julgue absurda e impraticavel a tentativa allemã de bloquear os portos inglêses por meio de submarinos. Mas a verdade é que, attendendo aos progressos feitos por essa arma de guerra, tal bloqueio não poderá deixar de causar serias difficuldades ao commercio marítimo da Inglaterra e dos neutros, que serão os primeiros a soffrer os effeitos d'esse ataque.

A respeito da estupenda declaração do almirantado allemão diz o *Daily Telegraph*: — «Visto que a Gran-Bretanha tem o dominio dos mares, devemos dar a esse dominio todos os seus effeitos economicos. Os allemães devem ser punidos pela nova ameaça de terror que constitue a proclamação da *fanfarronada* do estado maior naval allemão. Estamos convencidos de que toda a acção que o governo britannico decidir nesse sentido, pela causa e em nome dos alliados, receberá o apoio do mundo civilizado».

O governo allemão communicou ao nosso governo que correm perigo os navios mercantes inimigos e neutros nas aguas em volta da Gran-Bretanha e Irlanda.

1.º — As aguas em volta da Gran Bretanha e Irlanda, inclusivé todo o canal inglês são declaradas dominos de guerra; a partir de 18 de Fevereiro será destruido todo o navio mercante inimigo que se

encontre neste dominio e nem sequer será possivel evitar perigo ás tripulações e passageiros

2.º — Os navios neutros tambem correm perigo de serem atingidos por ataques destinados aos navios inimigos por causa do emprego indevido de bandeira neutra, ordenado pelo governo inglês,



ALMIRANTE VON TIRPITZ

por nem sempre ser possivel evitar os accidentes da guerra.

3.º — Não corre perigo pelo Norte á volta das ilhas *Shetland*, na região oriental do Mar do Norte e numa faixa pelo menos de 30 milhas marítimas de largura ao longo do costa hollandesa.

Além do bloqueio, a Allemanha não desiste de ir ferir a Inglaterra no seu

seria um crime contra nós mesmos se hesitassemos em usar de meios insolitos e terriveis, uma vez que se trata do futuro da nação.

O grande centro economico, o nervo da Inglaterra é Londres. E' necessario que nós não contentemos com bombardear com os nossos *zeppelins* insignificantes cidades costeiras.

O que faz falta é dar um golpe mortal no proprio coração da Inglaterra. Temos a firme convicção de que, com os meios techinos, de que dispomos, poderemos dar á Inglaterra um golpe terrivel.

Londres e os seus *docks* são as visceras essenciaes da nossa inimiga. Ataque-mos nellas os inglêses e far-lhes-hemos sentir a nossa força onde elles são mais vulneraveis.

E' preciso que isto seja dito claramente, e quem falle em ter considerações para com a Inglaterra deve ser olhado como um traidor ao seu pais.

Só será vencida a Inglaterra appellando-se para a tactica do aniquilamento. Entremos sem aeroplanos nessa via e o mais breve possivel».

Da esquadra allemã nos mares do mundo restam apenas dois cruzadores: *Karlsruhe* e *Dresden*, e dois paquetes armados: — *Kronprinz* e *Prinz-Eitel-Fredrich*. Apesar de serem poucos, ainda conseguem atacar com exito o inimigo. Assim, o cruzador auxiliar *Kronprinz Wilhelm* apresou no Atlantico o vapor inglês *Belleveue* e mettu-o no fundo. A sua tripulação foi trazida para terra pelo vapor inglês *Oranso*, que trouxe igualmente para terra as tripulações dos vapores *Mont'Argel*, *Anne Bretagne* e *Union*, tambem apresados e mettidos a pique.

Os inglêses realisaram um importante *raid* sobre a Belgica, no qual tomaram

parte 34 aeroplanos e hydroplanos navaes. O ataque foi dirigido contra as bases de submarinos de *Bruges*, *Zeebrugge*, *Blankenberghe* e *Ostende*. O commandante aviador *Graham White* caiu ao mar, mas foi salvo. Os estragos produzidos foram importantes.

As esquadras dos alliados pensam em forçar a passagem dos *Dardanellos*, de combinação com o exercito russo, que atacará os turcos por terra.

Na Italia tambem se fazem preparativos bellicos, embora não esteja ainda definida a

attitude d'aquella nação, talvez por que receie o levantamento dos arabes da *Tripolitana* e porque lhe não desagradem os offerecimentos da Austria em satisfação das *aspirações irridendistas*. O coronel *Ricciotti Garibaldi*, que já perdeu dois filhos nesta tremenda lucta, disse ao *Temps*:



«TROGLODITAS DO AISNE» — Soldados francezes habitando galerias subterraneas, perto de Soissons, que tinham sido primeiramente ocupadas pelos allemães.

proprio coração, ou seja um ataque directo a Londres. Eis o que a este respeito se lia ha dias num jornal de Berlim: — «Para conservar aberto o caminho da sua evolução, a Allemanha deve ferir no coração a quem quer forjar as suas cadeias.

Sustentamos um combate de morte, e

MONUMENTO A CAMÕES EM PARIS

«O governo italiano, devemos reconhecer, encontra-se numa situação difícil. Pessoalmente todos os ministros estão mais ou menos convencidos da necessidade da guerra, mas interrogados conjuntamente e como corporação official, a sua hesitação é manifesta. O governo sabe perfeitamente que lançar a Italia na guerra é o mesmo que jogar uma forte cartada.

Todas as tentativas effectuadas na Italia pelo *principe Bulow*, em nome da Allemanha, se malograram totalmente. Na Italia a opinião unanime é a de que essa nação deve intervir no conflicto europeu. E' certo que na Italia ha machinações germanophilas, que difficilmente o ouro allemão consegue manter mas não ha motivos para preocupações a esse respeito: as horas graves estão a ponto de soar, nada pode já suster a successão logica dos acontecimentos.»

Tem-se discutido muito a attitude da Bulgaria, pelo facto d'essa nação ter contrahido um emprestimo na Allemanha. O respectivo governo declarou que nessa negociação não entraram combinações de caracter politico.

Os combates nos ultimos tempos tem tomado maior vulto nos campos de Este onde russos, allemães, austriacos e turcos teem luctado com denodo. Os russos renovaram os seus ataques á Prussia Oriental, tendo por objectivo *Koenigsterg* e *Tilsitt* e ameaçando a fortaleza de *Thorn*.



«MAQUETTE» PERTENCENTE AO SR. ARTUR TEIXEIRA. —
OBTVE O 1.º PREMIO NO CONCURSO

Os allemães foram repellidos na região de Lipno. Na *Polonia Central*, a Este de *Lovicz*, deram-se serios combates, que abrangeram uma extensa região do *Bzura* ao *Raroka*. Nos *Carpatos* tambem a luta tem sido gigantesca, oppondo os austriacos grande resistencia aos russos, que tentaram atravessar os desfiladeiros que dão accesso á Hungria.

Na *Bukovina* a fronteira hungara é o theatro d'uma resistencia formidavel por parte dos austro-allemães.

Na Asia os russos derrotaram os ultimos corpos do exercito turco, e tomaram a cidade persa de *Tabriz* de que os mussulmanos se haviam apoderado, instigados pelas allemães.

Naufragou portanto o plano turco que consistia em contornar o *Caucaso* russo pelo territorio persa, avançando sobre *Baku* pelo littoral do *Mar Caspio*.

A passagem do canal de Suez pelos turcos foi brilhantemente impedida pelos ingleses. Diz-se que a *Turquia* desiste do ataque ao *Egypto*.

Os albaneses entram em acção invadindo a *Servia*, e os allemães agitam a *China* contra o *Japão*.

A fogueira alastra, e com esta a miseria, o lucto e a dôr.

São quasi incalculaveis as somas dispendidas nesta guerra.

Só a *Russia* está gastando 14 milhões de rubros por dia ou sejam 7:000 contos.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



«MAQUETTE» PERTENCENTE AOS SRS. SIMÕES D'ALMEIDA (SBORINHO)
E TERTULIANU MARQUES. — OBTVE O 2.º PREMIO NO CONCURSO

(Clichés de Alberto Lima)



«MAQUETTE» PERTENCENTE AO SR. DIOGO DE MACEDO —
OBTVE O 3.º PREMIO NO CONCURSO

Monumento a Camões em Paris

Damos hoje á estampa as «maquettes» que obtiveram os três primeiros premios, do monumento que vai ser erigido a Camões em Paris. O júri, que as premiou, dia 8 de Fevereiro, era constituído pelos srs. Ventura Terra, Veloso Salgado, Fernandes Vaz, Columbano, Costa Couraça, Marques de Oliveira, dr. João Barreira, dr. José de Figueiredo e Marques da Silva. Talvez, em breve, digamos da nossa justiça acêrca das referidas «maquettes» mas hoje limitamo-nos a deixar ao leitor a primeira impressão e a dizer que era na verdade distinto e competentissimo o júri que as apreciou.

O primeiro premio foi conferido á



ESCUPTOR ARTUR DOS ANJOS TEIXEIRA

«maquette» do sr. Arthur Gaspár dos Anjos Teixeira. O distinto escultor foi discípulo de Simões d'Almeida na escola de Belas-Artes. Terminou o seu curso em 1903, depois de ter ganho três medalhas de prata e prémio pecuniário. Em 1906, vai ao concurso aberto para as estatuas do Templo Monumento á Imaculada Conceição; ás três «maquettes», que apresentou, foram conferidos dois primeiros premios e um segundo. Em 1907, é-lhe concedida a pensão de Artista, do Legado Valmôr.

Parte para Paris, e ahí não deixa nunca de expôr nos «Salons» de Paris — *Salon da la Société Nationale de Beaux-Arts, Salon des Humoristes* — tendo recebido referencias lisongeiras da imprensa francesa.

Tal é o artista, a quem se conferiu agora o primeiro premio no concurso para o monumento a Camões.

A «maquette» era acompanhada duma nota descritiva que por bem significativa não nos podemos furtar ao prazer de tresladar para aqui. E' a seguinte:

«Por considerar que o monumento a erigir a Camões em Paris é tanto para celebrar o cantor do nosso glorioso passado, como esse proprio passado, escolhi para tema da minha composição o episodio do Adamastor que os proprios franceses classificam de *une des plus belles evocations de la poesie epique*.

«Foi o que mais eloquente me pareceu e, sob o ponto de vista plastico, o mais bello. E' tambem (e a isso ligo a maior importancia) o unico que só pode ser aplicado a Camões e aos portuguezes.

«Creio, pois, ter sintetizado com os motivos principais: estilo manuelino, Adamastor, nau, ancora e lira, que constituem a base do monumento os nossos feitos ainda hoje prestigiosos.

«Quanto ao material a empregar, conformar-me-

ia com as prescrições do regulamento, preferindo todavia escolhe-lo em harmonia com o local designado. — (a) Anjos Teixeira, escultor.»

O segundo premio foi adjudicado á «maquette» dos srs. Simões d'Almeida (Sobrinho) e Tertuliano Marques, architecto. Este bello trabalho é baseado tambem no episodio do Adamastor, segundo consta da legenda com que foi apresentada ao júri — «Uma nuvem que os ares escurece». Dos artistas não nos é possivel falar neste momento; de resto são já bem sobejamente conhecidos do publico amador e entendido de arte.

O terceiro premio foi conferido ao sr. Diogo de Macedo, autôr da «maquette» — «Que vencedor nos façam, não vencido».

E' uma obra excelente, como execução e composição, vincada de energia. A figura do Poeta acocora-se com gravidade — e espera a hora da inspiração.



Sports

Raids audaciosos dos aviadores dos aliados

O «raid» levado a efeito por uma esquadilha de aviões inglezes a Dusseldorf, cidade alemã a algumas centenas de quilómetros das trincheiras dos aliados, é um acontecimento dos mais belos da aviação militar. Dusseldorf era um centro importante da aviação alemã que contem numerosos hangares de Zeppellins. Estes vinham incomodando persistentemente as tropas inglezas e francezas pelo que se tornava necessaria a sua destruição. Mas como pôr em pratica tão difficil empresa, a uma distancia tão longa e estando Dusseldorf protegida por baterias próprias para alvejar aviões? Este problema resolveu o Tenente Collett do exercito inglez.

Este audacioso aviador que escoltava a esquadilha de cinco aviões, consegue, apesar do denso nevoeiro que fazia, atingir Dusseldorf e duma altura de 1.800 metros faz uma descida arriscadissima, sob o fogo dos canhões, em espiral, a 300 metros, donde bombardeia um dos hangares mais modernos que ficou reduzido a cinzas. O Tenente Collett conseguiu chegar são e salvo ao ponto de partida.



«O Occidente» em Vienna d'Austria

Más noticias dos Carpathos...

Não se trata por agora das conhecidas victorias russas, em que os façanhudos cosacos aprisionaram 10.000 austriacos e metteram nos bolsos fundos dos seus casacões de inverno umas baterias de metralhadoras, para offerecerem como presente ao amimado *tzarewitch*...

As legiões barbaras do norte, formadas por vagabundos de to-

da a casta, que enxameiam a estepe, mau grado seu, ainda não conseguiram forçar os grandes desfiladeiros, nem attingir o coração da Hungria, Buda-Pesth.

Podem dormir descansados os meus irmãos madgiars...

Vae toda a nossa admiração e orgulho para os valentes *skieurs*, que vivem de sentinella á Montanha em rudes guaritas de neve, supportando as mais duras privações.

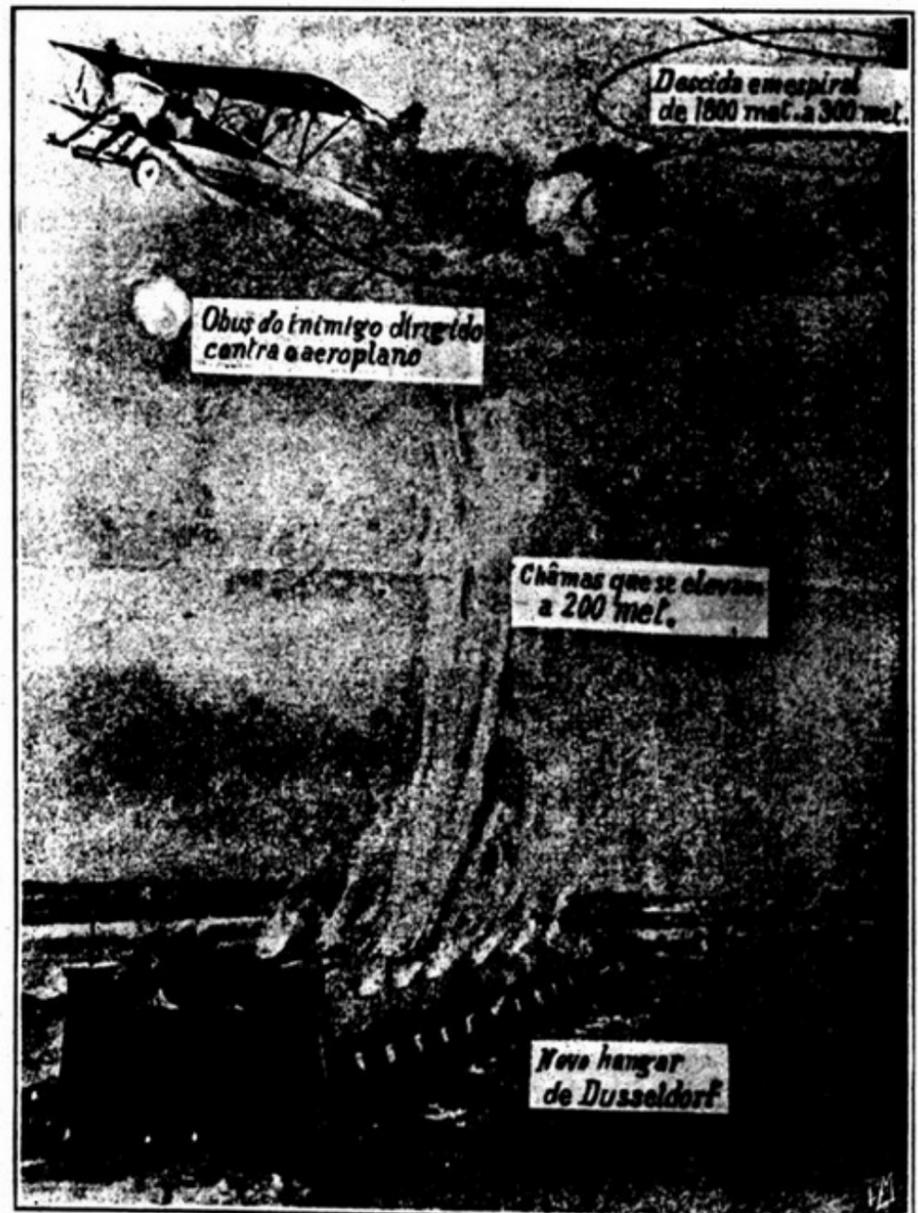
Um dia destes vi um combate no cynema... e julgo-me feliz, pois nenhum chronista de guerra nem adido militar assistiu. doutra maneira, a qualquer acção no campo de batalha.

Um combate de *skieurs*!... Ninguem imagina a destreza, o sangue-frio, a bravura, ia dizer mesmo a elegancia, que se requerem para isso. E' como uma dança vertiginosa de sombras claras sobre o panno luminoso...

Hoje em dia a distracção dos Viennenses pode dizer-se que é o cynema. As fitas militares dão assumpto palpitante e sempre novo, enthusiasmando os numerosos assistentes, que no principio e no fim cantam o hymno Real, e tambem, num côro entusiastico, as famosas, velhas canções do Tyrol...

Nestas occasiões uma chamma sagrada perpassa vertiginosamente em cada olhar: os olhos azues, mansos, de agua-rela e os olhos negros, sombrios parecem confundir se na mesma luz de esperança, que a todos anima, como firme promessa de victoria.

Outra diversão favorita dos Viennenses era o passeio á tarde nos jardins e sobretudo no *Pratter*. Archi-duquêsas,



UM HANGAR DE DUSSELDORF INCENDIADO POR UM AVIÃO INGLÊS

damas e até humildes costureiras, dum encanto fascinador e raro, vestidas com uma adorável simplicidade, animavam as longas alamedas . . .

Hoje os palacios soberbos, que deitam sobre parques bellamente arborizados, transformaram-se em hospitaes, onde a mulher exerce, com uma solicitude inigualavel, os carinhosos cuidados de enfermeira. No ar, outr'ora embalsamado de essencias caras e perfumes capitosos de flores, pairam emanações d'ether e de chloroformio.

O movimento das ruas quasi não diminuiu sensivelmente; apenas os transeuntes caminham mais de vagar e de leve, para que os pobres enfermos tenham a consoladora impressão de estarem nalguma villa calma e cheia de sol do Meio-Dia, convalescendo. . .

Más noticias dos Carpathos? É verdade. Em toda a linha de combate, numa extensão enorme, travam-se heroicos e gigantescos duellos. O frio é intenso, e por vezes, como na retirada historica do *Berezina*, as espingardas cahem das mãos inertes dos soldados.

Nas grandes alturas nem sempre os trenós da ambulancia acodem a tempo ao chamamento dos feridos; então os lobos mirrados de fome, e as aguias tôrvas com o cheiro agúdo do sangue, precipitam-se, numa furia vorás, sobre os pobres desgraçados. . .

Não ha muito ainda foi preciso varrer as féras com metralhadôras. A inclemencia do tempo e o anno máu em prêsas dos rebanhos, centuplicaram-lhes o vigor e a audacia. . .

Vienna, janeiro de 1915.

RUDOLF LINWINTZ.



XEQUE À RAINHA

II

No baile de mascaras

Ora afastada para o escuro do camarote, alva e radiosa nesse fundo negro onde as tuas linhas resplandeciam correção e vida; ora debruçada sobre o varandim qual flor que do escuro escorregasse para se banhar na luz doirada do teatro. — tu, mulher fina e inquieta, exhibias cândidamente a tua mobilidade num encanto de graça estonteante.

Exibias a tua mobilidade, vaporosa e fluida, espalhando a, sob o jorrar da luz intensa, em gestos divinais, em leves curvões, em sorrisos, em olhares. . . Jogavas alegremente, numa alegria ingénua e fresca; eras a poesia do movimento, um hino de mocidade, a própria Arte esculpura em formas vivas. . .

É sempre teus olhos doces docemente reparavam nos meus; — prometedores eram eles no seu estranho magnetismo, no seu terno scintilar misterioso. Foi essa atracção irresistível, fatal, que até junto de ti me levou, a mim captivo, ousado e ansioso, prêsno num róseo sonho de esperança, num alvoroço indizível de amor nascente.

Olhaste-me, de perto como de longe, com os teus olhos doces, misteriosamente scintilantes, — ouvindo, com o teu sorrir infável, as minhas palavras receosas em que se escondia a mais amorosa súplica. . .

É quando te falei na promessa que os teus olhos, reparando nos meus, tantas vezes me haviam deixado entrever, atalhas-te suavemente:

— Oh! não faça agora caso dos meus olhos! que êles andam mascarados! . . .
Carnaval de 1914.

CLAUDIO BASTO.



Folhas soltas

De longe

Na vespera do carnaval, sahi de Lisboa para o campo, e francamente direi que foi uma especie de fuga para me livrar d'esses tres dias em que julgo haver obrigação de meia cidade perder o juizo!

Se reprovoo o carnaval, como existe entre nós, então este anno, no meio de tanta desgraça, não comprehendo que haja alguém de senso com vontade de se divertir. Por isso fui para o campo, ao menos allí, embora o tempo não me ajudasse muito, pude gosar um bello ar, puro de miasmas, fallar com almas simples, bôa gente, que me entretinha com a pacata cavaqueira junto ao fôrno do pão.

É todas as noites no meu rustico quarto, quando ás dez, me deitava, e me dispunha a ler, perante a minha imaginação passava uma serie de ideias sobre o que se passaria em Lisboa.

Imagino quanto estiveram animados os theatros, os cinemas, quantos namoros se arranjaram, quantos divorcios se architaram, quantos raptos se combinaram! . . . Quantos maltrapilhos andaram pelas ruas cantando e dançando, quantas insolencias disseram a gente pacata, quantas prisões se fizeram, e toda esta visão apparecia diante de mim, como uma pintura realista do divertido Carnaval. E n'esses cinco minutos, não foram mais, em que o meu pensamento transpoz leguas, tive pena da humanidade, quanto ella é digna de dô.

Quando na manhã de quarta-feira essas *gentes carnavalescas*, se lembraram do que fizeram nos tres dias da folia, que especie de sentimentos passariam pelas suas consciencias?

Devemos pensar que a consciencia falla sempre, embora a queriam esmagar muita vez.

Felizmente a visão desvaneceu-se em breve, e pude dedicar-me á leitura. E sabe o leitor que livro era? Um volume colhido ao acaso da estante do padre prior: *cartas de santa Thereza*, aliaz capitulos cheios de um mysticismo quasi sobrenatural.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

— Oh! não entre, disse Myrto, pode-se pegar, olhe as vossas filhas.

— Mas. . . sou a avó de Karaly.

— Mas que lhe pode fazer? disse a

voz de Joaldy; Myrto tem razão, não se deve expôr por causa de seus filhos.

A condessa retirou se apos estas palavras, olhando de revez para o filho. O principe logo que teve a certeza que o filho estava perdido, a sua cara revelava um desgosto digno de pena!

Já o sol vinha bater nas janellas illuminando o quarto pintado de branco,

Karaly abriu os olhos, e seu olhar, semi-velado pousou sobre Myrto e os seus bracinhos estenderam-se para ella,

— Myrto, abra. . . ça. . . me. . . sim? Ella quasi que adivinhou pois a sua voz já era muito debil. Myrto, revelando um amor extraordinario, colocou os labios no rosto cheio de signaes da horrenda molestia.

Perante este acto sublime que offerecia a sua mocidade e beleza áquelle contacto mortal, o principe Milcza sahiu de repente do seu estado feroz e estendendo a mão para Myrto disse:

— Oh! minha senhora, não faça tal!!!

— Oh!! recusar tal gozo á pobre creança!

O medico entrara levemente, ficando de pé atraz de Myrto, e olhando para o principe com modos nervosos.

A creança teve uma convulsão, levantou as mãos e murmurou:

— Papá. . . Myrto. . .

O principe inclinou-se sobre o filho, beijando-o na testa. Karaly deu o ultimo suspiro apoz o beijo apaixonado do pae.

X

O principe Milcza vestiu elle proprio o filho, sem querer aceitar outra ajuda que não fosse a de Myrto. O pequeno, em virtude do contagio não pode ser exposto na capela, como tinham sido todos os Milczas.

Ficou no seu quarto branco, rodeado de luzes e a cabecita pousava sobre uma almofada de veludo branco, as mãos juntas sobre uma cruz de prata.

Esta cruz era a que serviu para os ultimos sacramentos da sr.^a Elyanni. Foi Myrto que a emprestou.

A creança tinha um aspecto de doçura, e Myrto notou então quanto se parecia com a mãe.

O padre Joaldy, o Doutor Katalia, foram os restantes que velaram a creança. Myrto morto de fadiga tinha ido descansar um pouco. Mas d'ahi a pouco tempo voltou para o seu lugar, junto da creança morta.

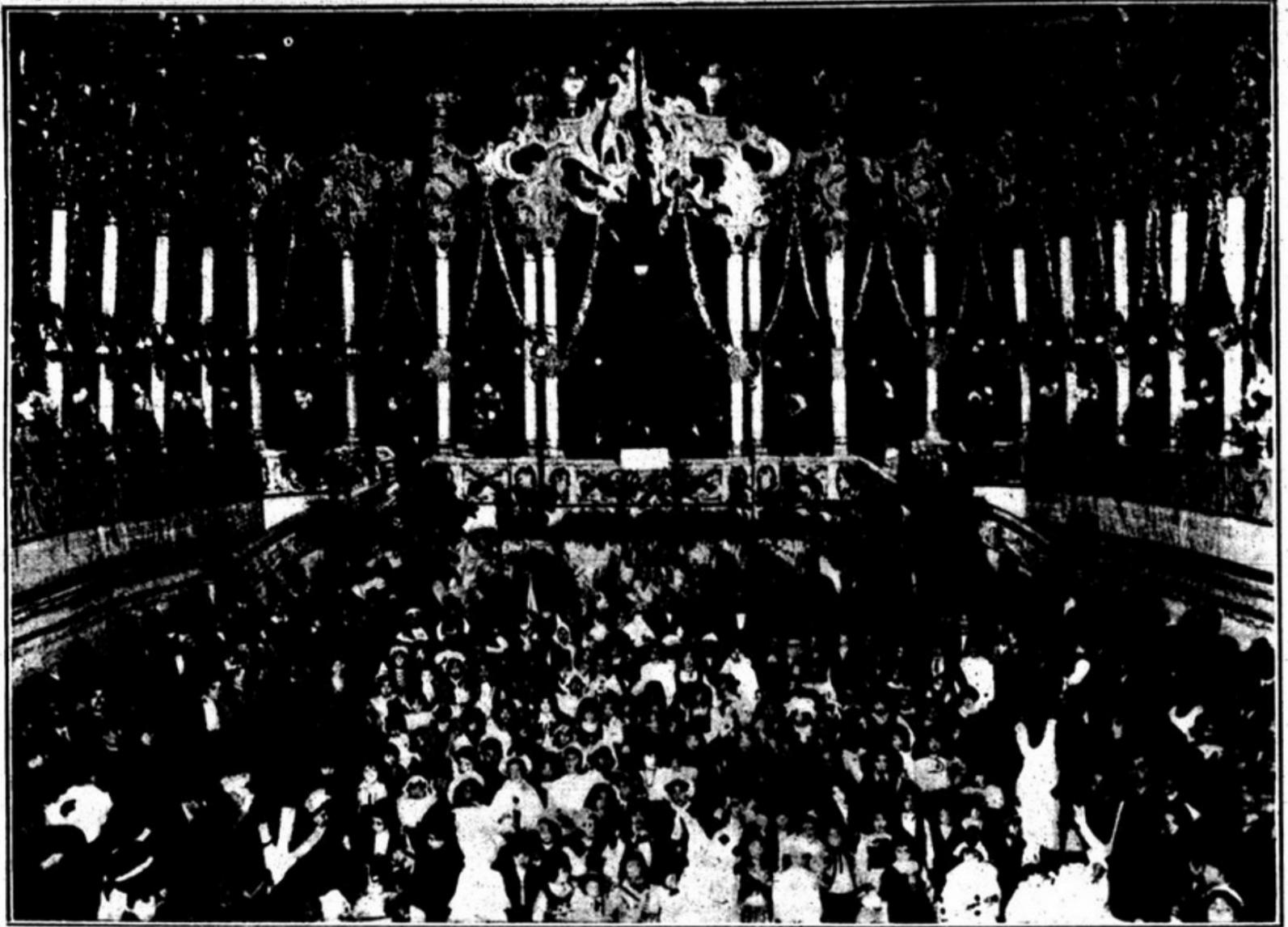
O funeral realisou-se com uma enorme pompa, da capella do palacio, Myrto viu ocupada, pela primeira vez uma das cadeiras principescas. Pela primeira vez viu ella tambem o principe vestido de preto. Os olhos de Myrto mostravam bem, quanta immensa dôr ella sentira por todo aquelle drama que presensiará. O principe mesmo n'aquelle dia, não curvou a cabeça perante o seu Deus.

Do coração de Myrto, sahirá uma oração fervente e dolorosa:

— Meu Deus, tende piedade d'elle! Dae-lhe a força, dae-lhe a fé!

O pequeno caixão fôra colocado na crypta onde repousavam já tantos principes Milczas. O principe, depois de molhar os dedos em agua benta, sahiu apressado da capella, sem esperar os cumprimentos da familia, dos servos etc.

(Continúa)



O CARNAVAL DE 1915 NO POLITEAMA

Pelos Teatros

Nacional (D. Maria II)

«O coração manda»

De todas as peças que o teatro Nacional apresentou já este ano é esta a que mais tem agradado e que o publico mais tem aplaudido, succedendo-se as representações com muito ex to.

«O Coração manda» é uma peça que se ouve com interesse, apresentando detalhes de grande observação, fazendo o auctor decorrer a acção num meio onde é agradável viver-se. Está porém, longe de ser uma peça onde se debate um tema que tenha actualidade, sendo pelo contrario o seu enredo uma coisa velha, deslocada já, e que não supunhamos agradasse ainda tanto á gente de hoje.

Já ha tempos, no hoje infelizmente desaparecido teatro Dona Amelia, uma outra peça do mesmo genero fez época, conseguindo que dela se falasse; referimo-nos á «Primorosa» e visto que em tão pouco tempo estas duas peças dum gosto tão acentuadamente piegas alvorçaram a platea, recomendamos de novo á empreza do Normal que anuncie de novo a «Morgadinha de Val-Flor» e mande sem demora adaptar á scena o comvente romance de Fenilel «Le roman dun jeune homme pauvre», de resto já tradnzido pelo bom Camillo.

Quanto ao desempenho de «O coração manda» Cabem as honras a Palmyra Bastos que em todos os três actos tem um esplendido trabalho, pondo em destaque as suas qualidades de actriz Quanto ao resto todos, sem excepção muito bem.

S. Carlos

«O feijão frade»

A peça franceza de Tristan Bernard e Alfredo Athis «Les deux canards» foi traduzida e muito bem, pelo Sr. André Brun, com este nome: «O feijão frade».

«O feijão frade» não nos deu porém a impressão duma bela obra e crémos firmemente que o exito obtido se deve unicamente aos actores que lhe souberam dar com o seu talento, muita vida e muito realce, para que se possa aturar no decurso dos seus três actos. E assim somos em dizer que achámos admiravel o conjucto tendo Henrique Alves um papel comico que lhe está perfeitamente a character, obrigando-nos o Chaby du-

rante toda a noite a rir com muita vontade, fazendo Ferreira da Silva um optimo trabalho, em papel infelizmente diminuto para os recursos do seu grande talento. Emilia d'Oliveira vae muito bem, Luz Veloso correctamente, Joaquim Saraiva com muita graça. O resto lá vae como Deus é servido, escangalhando muito a belleza do segundo acto o detestavel vestido branco de Anna Espinosa.

Ginasio

«A Tartaruga»

No Gynasio «A tartaruga» uma noite de gargalhada constante, cheia de scenas alegres, situações comicas que obrigam a rir os mais taciturnos, qui-proquos de immensa graça que bem dispõem os especta tores.

Dos actores não se pôde dizer absolutamente bem, mas no entanto tambem não diremos que vão mal de todo.

PACIFICO



DR. AZEVEDO NEVES

LIVROS NOVOS

Dr. Azevedo Neves

«A Musica e a Alma» — por — Azevedo Neves — Livraria Guimarães & C.^a — Impresso na Tipographia do Anuario Comercial — Lisboa.

Simultaneamente, o sr. dr. Azevedo Neves revela-se nos homem de arte e homem de sciencia. As suas admiraveis faculdades de homem de sciencia, sabe adaptal as notavelmente á analyse das grandes manifestações de Arte. E ainda nas dissertações mais aridas, onde o seu espirito analista pode exercer-se com mór nitidês, não abdica nunca das predilecções ou impressões de arte que a sua alma culta e delicada recebeu numa hora bemdita de encantamento. E' que antes da sua inteligencia decidir, o seu coração propoz.

Todos os livros que de s. ex.^a conhecemos, nomeadamente a «Mascara dum Actor», livro tão justamente apreciado são orientados neste sentido. Deste proposito, não se afasta decerto este pequenino e delicioso livro que o autôr teve a gentilêsa de nos oferecer — «A Musica e a Alma.» Já de si o titulo promete, e o conteudo justifica plenamente as boas-opiniões que confrades em Lêtras e em Sciencia por varias vezes formularam ácerca do seu autôr.

E' uma conferencia realisada pelo sr. dr. Azevedo Neves na festa artistica do maestro David de Sousa, em 7 de Fevereiro de 1915. Não podia ter o nosso amigo David de Souza neste momento quem melhor quizesse interpretar-lhe a obra e apreciar-lhe as boas qualidades artisticas. Por isso, a homenagem prestada nesse dia ao seu talento, tomou um relevo extraordinario. E sem duvida, os

frequentadores do Teatro Politeama não reputaram mal dispendidas as horas que demoraram a ouvir o sr. dr. Azevedo Neves.

Ainda neste pequenino livro o autor se nos revela homem de arte e homem de sciencia. Desde os minimos cuidados da escolha e disposição tipograficas, que são optimas, á sua coordenação literaria o livro manifesta a evidencia uma alma fina e culta. Excepcionalmente, a aliança da Sciencia e Arte, tantas vezes dissociadas — realisa-se. Proferida a primeira palavra — a conferencia começa imediatamente a interessar-nos. E' admiravel o processo de analyse que o sr. dr. Azevedo Neves segue. Exercendo a sua atenção sobre o facto musical, parte do elemento simples, indecomponivel emeticulosamente logico vae ascendendo até ás mais variadas e complexas combinações harmonicas.

Curioso, muito curioso — o livrinho.

Diz s. ex.^a que não pretendeu dirigir-se «aos que professam a arte da musica nem tampouco aos que a apreciam na qualidade de criticos».

Todavia, em Portugal, tanto uns como outros, ali teriam algo de bom talvez a aproveitar...

R.

Soldados de Portugal

por ANDRÉ BRUN

Livraria Guimarães & C.^a — Editores — LISBOA

A conceituada e importante livraria Guimarães & C.^a acaba de lançar a publico o interessante livro que tem o titulo que encabeça esta pequena referencia.

André Brun, o talentoso auctor dra-



ANDRÉ BRUN

matico, toge um pouco ao seu genero predilecto — o alegre — para nos dar n'este livro uma prova do seu enraizado patriotismo, escrevendo um trabalho que é todo cheio de grande amor pelo seu torrão natal. *Soldados de Portugal* são uma narrativa singela, concisa e escripta n'um estylo facil e correntio, accessivel a todas as intelligencias menos cultas, dos heroicos feitos do nosso grande soldado, no tempo de Napoleão, da legião portugueza e no tempo da invasão franceza, na guerra Peninsular.

Sem ser, como o proprio auctor no seu prefacio explica, um trabalho de historiadador, é, no entanto, um bellissimo servi-

ço prestado ás letras patrias esse livro, que pôde, sem desdouro algum para qualquer dos escriptores, enfileirar ao lado dos *Heroes e Martyres* em que Eduardo de Noronha narra tambem os factos e acções heroicas praticadas pelos nossos valentes soldados.

E' livro de propaganda patriótica que deve ser lido, por todos aquelles que apreciem devidamente o valor do nosso soldado que é, incontestavelmente, o mais heroico e mais valente de todos os das nações cultas.

Obra de um patriota — *Soldados de Portugal* — foi escripto por um distincto official do nosso exercito, André Brun, que aproveitou o ensejo da actual guerra europeia para apresentar um livro que deve ser lido como uma biblia de educação civica, onde o soldado toma alento e coragem para desempenhar o seu serviço tão cheio de perigos.

A André Brun e a Guimarães & C.^a agradecemos a amavel offerta com que nos distinguiu.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro de 1915

Barometro — Max. altura 777,77 m 19.
Min. " 716,9 em 29.

Thermometro — Max. 15,9 em 14.
Min. 2,9 em 29.

Nebulosidade — Céu limpo ou p. nublado — 5 dias
Céu nublado — 20 dias.
Céu encoberto — 6 dias.

Chuva 51,0 em 18 dias —

Horas de sol 141,56 —

Nevoa em 5, 6, 13 e 15

Granizo em 3 e 25 — Trovões em 3

NECROLOGIA

Actor João Gil

Morreu o distinctissimo actor que duas gerações viram representar nos teatros portuguezes do continente e dos Açores, pois todos elle percorreu na sua carreira artista de meio seculo, e no Brasil, onde foi por varias vezes com o grande actor Antonio Pedro, seu companheiro querido de muitos anos.

João da Silva Gil, filho do velho actor Antonio da Silva Gil, pôde dizer-se que lhe nasceram os dentes no teatro, porque acompanhando seu pae na vida do palco com ele entrou em scena sempre que a peça admitia papeis de creança, sendo, principalmente, de notar o de um dos filhos de Inez de Castro, na celebre tragedia tão apreciada por nossos avós, e que o infantil actor representou.

Nascido em Lisboa a 15 de Novembro de 1843, vagueou, na infancia, com seu pae nos teatros de provincia e dos Açores, até que aos 12 anos, instalando-se em Lisboa aprendeu o officio de marceneiro. Aos 18 anos, porem, a sua vocação levou-o a valer para o teatro, aparecendo no da Rua dos Condes, em a noite de 29 de Outubro de 1861, com a peça patriótica, *1640 ou a Restauração de Portugal*, desempenhando o papel de governador do Castelo de Palmela.

Assim começou definitivamente a sua carreira que foi das mais distintas de actores portuguezes.

José Carlos dos Santos *Santos Pitorra* — que foi mestre de actores, reconheceu em João Gil tanto merecimento, que o escriptorou para a companhia que havia formado, de sociedade com Pinto Bastos, no teatro do Principe Real que depois passou para o de D. Maria II, onde Gil alcançou suas maiores noites de gloria, nos papeis que lhe foram confiados, devendo-se especialisar o do Sapaeteiro Simão, no drama *Maria Antonieta*, em que levantava os clamores indignados da pla-

teia, como aplauso mais veemente á naturalidade e com breensão com que o actor representava a odiosa personagem.

A impressão que nestes papeis o actor produzia na plateia era tão verdadeira e profunda que de uma vez, um grupo de espectadores esperou Gil á sahida do teatro para lhe manifestar ostilmente a aversão que lhes causara, chegando a levantarem se algumas bengalas no ar.

Se este modo de apreciar revela certa ingenuidade do publico, não deixa por isso de confirmar o grande triumpho do artista. De resto João Gil era um excelente character, doçil, de fino trato e amigo leal.

João Gil representou tambem em teatros de

Madrid e Barcelona. Nos ultimos anos estava escriptorado pela Empresa Braga & C.^a do teatro da Republica, agora funcionando no teatro de S. Carlos.

E' vastissimo o repertorio de peças em que João Gil entrou, e do qual mencionamos as principais:

«O grumete», «Paulo e Maria», «Reino das jóias», «Gabriel e Lisbel ou o Thaumaturgo», «O homem de ouro», «Os misterios sociais», «Os filhos dos trabalhos», «Conde de S. Germano», «Cinismo, scepticismo e creença», «A proibidade», «O viveiro de Fr. Anselmo», «Lampada maravilhosa», «Rei do mundo», «O monarca das coxilhas», «A harpa de Deus», «Andre Gerard», «A gravata branca», «A vida dum rapaz pobre», «Os solteirões», «O abismo», «João carteiro», «O juiz», «Tartufo», «O paralytico», «As duas orfãs», «Os ladrões de Lisboa», «Casas, criados e agiotas», «Os Velhos», «O regente», «Severan», «Blanchette», «O sargento-mór de Vilar», «A encruzilhada», «A resurreição», «O sub-prefeito do Chateau Buzard», «A castelã», «Madame de Sans Gene», «A clareira», «O avô», «O templo de Salomão», «Maria Antonieta», etc.»

Ha cerca de um mez o velho actor foi acometido de uma congestão cerebral de que veio a succumbir no dia 10 do corrente, deixando sua morte a todos consternados, pois que era querido e estimado de amigos e colegas, como do publico em geral.

A empresa Braga & C.^a reservou os dias da morte e do funeral do distinctissimo actor, não dando espectaculos nas duas noites.

Daqui apresentamos nossas codulencias á viuva ex.^{ma} sr.^a D. Gertrudes Maria da Silva Gil e a suas filhas as ex.^{mas} sr.^{as} D. Julia da Silva Gil Fortes Rebelo, D. Amelia Silva Gil e a seus netos os srs. Arnaldo Gil Fortes Rebelo, empregado no ministerio das colonias e Alvaro Gil Fortes Rebelo official da armada.



ACTOR JOÃO GIL

CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

LARGO DO CALDAS, 1, 2.º

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas, leccionam:

Português, francês, inglês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Ph to-miniatura, tarso metalloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriais e Comerciaes. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Pensionistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2. — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *



Preparado

que
por completo
tira a caspa
e
evita a queda do cabelo

Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Carlos Pimentel

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfecção meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36. 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALFREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: entral 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café

Fornece lanches para casamentos, baptisados e solzeas

Dans Les "Fleurs,"

São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Alberto C. Lima

Professor de Guitarra

E

— VIOLA FRANCEZA —

COM

— As melhores referencias —

Rua do Loreto, 50, 3.º — LISBOA

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1\$500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.ª

DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA